ARQUEOLOGIA, LINGUÍSTICA E LITERATURA – o paradigma da Continuidade Paleolítica e os Estudos Célticos

*Ana Donnard**
**ILEEL – Instituto de Letras e Linguística*
UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Foi com grande interesse que conheci, ao visitar as páginas de *História e-História*, o artigo recém-publicado de Thiago Pereira, aluno bolsista de Iniciação Cientifica Voluntária UNIMONTES[1], sobre o patrimônio paleolítico do Norte de Minas e em especial da região do Rio Francisco. Em meu artigo de 2009 publicado na *Ollodagos*[2] eu havia trabalhado com a idéia de que a memória oral e os registros arqueológicos das povoações adjacentes ao velho Chico (Rio São Francisco) poderiam nos trazer uma traçabilidade interessante da imigração galega, bretã e portuguesa no Brasil, aliando os estudos da toponímia, mesclada obviamente de diversos elementos Indígenas, Europeus e Africanos. Neste artigo eu propunha aplicar os Estudos Célticos na cultura brasileira, que eu insistia em trazer para meu país e ainda insisto, sobretudo porque os brasileiros me pagaram bons e maravilhosos anos de pesquisa no exterior.

Os registros de uma coleta de literatura oral (indígena e/ou não-indígena) e do folclore das comunidades do Alto e Médio São Francisco necessitam de estudos em rede e, sobretudo de pesquisas arqueológicas que deveriam/devem estar se seguindo no conjunto deste imenso e controvertido "*projeto da transposição das águas do Velho Chico"*. Este projeto, conhecido pelos brasileiros – que mal se importam com ele – e muito mal conhecido da comunidade internacional, mergulha nosso passado nas águas que todos sabemos. A história cultural do território brasileiro poderia/poderá se revelar ainda muito mais surpreendente na sua composição multifacetada de um hibridismo sem dúvida instigante – desde que não solicitado apenas quando das agendas políticas de uns e outros cidadãos do mundo universitário e/ou governamental.

Ser hiper híbrido é ser hiper complexo. E a complexidade exige paciência. E é com esta paciência que tenho visto meus projetos e artigos sobre os Estudos Célticos serem sistematicamente recusados no Brasil. Compreendo. De fato, os Estudos Célticos exigem uma interdisciplinaridade que não é sempre fácil de organizar, de discutir ou mesmo de se fazer conhecer. Os Celtisantes esperam, no entanto, que estes estudos

Célticos (ou Celtas) possam ser aceitos enquanto entidades significativas para os estudos clássicos (Gregos e Latinos) já que, por acaso, (ou não por acaso - é o que veremos no curso das pesquisas) eles voltam para a cena internacional das ciências humanas.

Eu diria que de tanto amar os Gregos acabei ficando Celta. Mas o fato é que os Estudos Clássicos e Medievais nos deixaram uma herança que virou fardo durante tantos séculos ao longo de querelas entre celtisantes e romanistas. Tantas contendas e tantas ideologias reduziram as indagações mais importantes a misteriosos domínios do bárbaro selvagem Celta, que causou tanto o desprezo, quanto a admiração. Estes selvagens Celtas e seus ritos hediondos oh!... Mas que são belos estes Celtas!



Recupera-se daqui e dali desde o século XVIII. À "Celtomania" crítica de Voltaire seguiu-se o período romântico que, revisitando o período o medieval, se depara com o maravilhoso estoque da mitologia arturiana, a fascinante matéria da Bretanha e seus textos célticos que poucos podiam acessar. A partir do romantismo as literaturas célticas surgiram no panorama internacional, mas ainda foi necessário chegar ao período entre as duas grandes guerras para que se consolidasse definitivamente uma historiografia literária céltica.

A marginalização dos Estudos Célticos não poderia deixar de ser um retrato do que foram todos os séculos de uma história mal contada, sobretudo pela hegemonia linguística germânica: inglesa, francesa e alemã. As línguas, todos sabem, seguem também o curso das guerras e das colonizações e com elas suas ideologias. As colonizações também se fazem no espaço linguístico e ainda hoje, no espaço geográfico céltico – Oeste Atlântico - os celtófonos continuam lutando pelos seus direitos

linguísticos, como é o caso dos bretões na Bretanha armoricana – península no noroeste da França. Nas ilhas britânicas a *internal colonization* - inglesa e na França as agendas do estado jacobino francês – *une langue, une nation!* concorreram para as imensas dificuldades do ensino das línguas célticas. Até a data de hoje, a França resiste em assinar a *Charte des langues regionales* da União Européia. Tanta obstinação ou paranóia "*franco-romanista*", eu diria, não conseguiu anular a importância da cultura celto-bretã, tampouco a persistente luta pelos seus direitos linguísticos, que sempre foram uma constante para bretões, com também para irlandeses, galeses, escoceses e galegos.

Os Celtas estão no centro de uma importante virada na historia cultural européia e mais cedo ou mais tarde será impossível ignorar as evidências: eles, os Celtas, são muito mais antigos do que pensamos e ainda que os arqueólogos ingleses insistam em caracterizar o termo Celta como um simples etinômio "*label*" dos Gregos para um extenso território mal conhecido, (James:2000; Collis:2003) as fontes clássicas, como também os dados da arqueologia não conseguem ser tão redutores! A mais recente adesão a esta vertente britânica "*celtocética*" foi a de Raimund Karl. (Karl: 2010) Aliás, se pensarmos nas fontes clássicas os Gregos sempre foram claríssimos sobre os Celtas e os Romanos também! César disse: *"na sua própria língua eles se chamam Celtas"*, mas quando era necessário, ou quando ainda o é, César não passa de um estrategista inculto. Tudo depende do leitor da famosa Guerra das Gálias. Lembramos aqui apenas a mais recente *Celtic War* que se iniciou no final dos anos 80 que desenvolveu as famosas "aspas" em torno do termo Celta, chegando até mesmo a ser sugerido como inválido para determinar um grupo cultural tão extenso. Atualmente os debates continuam, sob outras perspectivas e decorrentes na verdade de um grande numero de produções teóricas tão interessantes quanto complexas e que seria impossível explicar aqui de forma simplificada. Os argumentos e contra-argumentos cruciais deste debate foram publicados na Europa e podem ajudar a compreender esta longa e profícua busca pelos Celtas. (Anthoons & Clerinx: 2007; Karl: 2007).

Mas o que tem a ver os Celtas com o período paleolítico? E o que tem a ver o paleolítico brasileiro com os Estudos Célticos no Brasil?! É o que vou tentar explicar aqui – muitíssimo brevemente.

UMA NOVA PROPOSTA – A TEORIA DA CONTINUIDADE PALEOLÍTICA

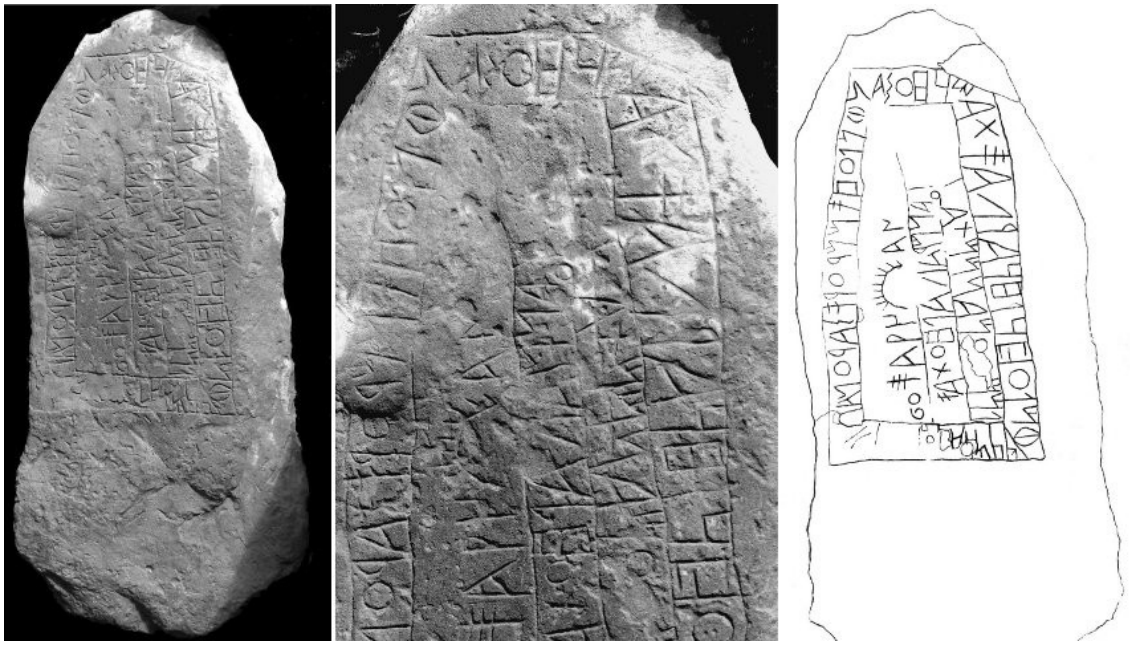
Que virada é essa nos estudos indo-europeus? Ora, trata-se de uma proposta revolucionária, mas que não apresenta nada de extraordinário teoricamente, pelo contrário. A proposta não é a de trabalhar com "dados linguísticos" desde uma continuidade paleolítica - porque simplesmente não há dados linguísticos.[3] A proposta da continuidade paleolítica não é nada mais nada menos do que o resultado natural das pesquisas científicas internacionais que, organizadas em rede, reconciliam a linguística comparada com os dados propriamente evolutivos e histórico-linguísticos do homem incluindo, obviamente, os resultados e as correntes mais recentes da Arqueologia e da Paleontologia. Na verdade a proposta da teoria da continuidade paleolítica é a da uma Arqueologia Cultural Humana.

Não fosse pela monumental obra de Mario Alinei, e sua erudição magnífica diríamos que este conjunto de estudos paradigmáticos foi uma interação de pesquisadores quem vem trabalhando de longa data sobre o problema do indo-europeu. Mas, é claro, a fundamental contribuição de Mario Alinei nos inspira a todos e é de onde partimos. (Alinei: 1991, 1996, 1997, 2006a). Isto para dizer que o que se constata agora já foi dito antes pelos nossos avós, mas de maneira diferente. Esperamos sair dos embates puramente ideológicos para entrarmos em outro momento *transdisciplinar*, muito mais instigante e muito mais produtivo: o trabalho em rede inspirados pela oração do construtivista de Gregory Bateson:

> *Anything now seeming to be definitive will later on be revealed to be lacking. Everything we come to know could never exhaust the domain of the unknown . Everything we think we know only serves to obscure our unknown ignorance. Everything we choose to believe necessarily negates alternative worlds. (Keny:* 1998)

Não nos esqueçamos que na medida em que a Arqueologia revela novos elementos, dependendo do que é este "novo" a ser incorporado na metanarrativa histórica, toda uma teoria ou várias teorias podem ser reformuladas, recolocando antigos dados em outra cadeia interpretativa, possibilitando outras configurações, mas nem por isso trazendo todas as respostas – ou pelo menos não de uma só vez.

As escavações arqueológicas nos últimos vinte anos alargaram muitos horizontes históricos e modificaram varias interpretações contextuais resultando num grande estoque de produção científica que determinará sem dúvida uma nova fase para a Arqueologia, para a Linguística e para os Estudos Célticos, sobretudo no âmbito das culturas ibéricas. Um último destes eventos aconteceu com a recente descoberta da estela de Mesas do Castelinho no sudoeste de Portugal, trazida à luz pelas escavações do arqueólogo português Amílcar Guerra. Trata-se de uma estela com caracteres identificados como de Tartessos e que se insere no conjunto das antigas línguas célticas sendo o mais antigo registro no conjunto - 800 aC (Koch: 2009). Tudo indica que novas escavações trarão ainda mais elementos para a Arqueologia Celta, sobretudo no território português. O Projeto Estela é a melhor referência para iniciar estudos sobre a escrita do Sudoeste da Península Ibérica.



Fonte da imagem: Projecto Estela

Seria impossível abranger todos os elementos neste espaço para demonstrar um paradigma, obviamente. Para aprofundamentos indico o site do grupo internacional www.continuitas.org que vem trabalhando por uma proposta transdisciplinar através da interpretação de dados científicos relacionados ao passado humano linguístico. Neste site podem ser encontrados em livre acesso um robusto corpus de produção científica que configura a Teoria da Continuidade Paleolítica (Paleolithic Continuity Theory) ou o

seu paradigma. Não se trata de calcar a singularidade européia em outras regiões do mundo, tampouco gerar um "manifesto" céltico. Nada mais longe dos continuístas. Pensa-se apenas que a imensa família linguística européia ou euroasiática e sua longa história de interações pode sem dúvida ser útil para a compreensão de outras áreas linguísticas, nesse caso, e no que se refere aos nossos estudos linguísticos no Brasil, a também formidável família linguística macro-jê. Recusar o estudo comparado de línguas sem escritura e línguas escritas não seria nada científico neste milênio (... ou explicar "dados linguísticos do paleolítico" como sugerem alguns, nem mesmo com todos os desejos dos paleolinguistas!)

DARWIN OU O GRANDE MESTRE – DE ROUPA NOVA!

A linguística evolutiva busca ampliar a interpretação dos dados, sugerindo a abertura de novas frentes de trabalho internacionais para o cruzamento sistemático e organizado de pesquisas que possam utilizar a aplicabilidade do maior numero possível de variantes interpretativas a um elemento material (Arqueologia) ou imaterial (Linguística e Literatura). Neste sentido, o melhor seria então buscarmos as respostas desde o Paleolítico. Por quê? Porque simplesmente foi lá onde tudo começou, ou senão, podemos partir do pressuposto que o Paleolítico Superior com a arte rupestre foi o início de uma sistematização de signos de uma possível interpretação, em alguns casos, para o homem contemporâneo, ou seja, os primeiros registros sistematizados do Homo Sapiens Sapiens – que "conhecemos". É claro que para chegar até o Paleolítico a linguagem humana (?) já estava instaurada a milênios. Conceitos antecipatórios requeridos pela língua estão já representados muito cedo no Paleolítico Inferior (OTTE: 2010), mas começamos pelo paleolítico Superior porque o objetivo não é alcançar a origem da linguagem – que se perde nos tempos – pelo menos até agora é o que devemos (podemos) afirmar. Na verdade, o humano **É** língua-linguagem. Então, homem e língua/linguagem são peças de uma mesma moeda. E que moeda!

É justamente pela materialidade que devemos começar para entender a linguagem. E a materialidade são os signos e os objetos e os registros biológicos, em primeira instância, (Arqueologia/Biologia), depois a imensa diversidade de línguas (Linguística/Literatura) – aproximadamente 6.000 línguas atualmente. As teorias tradicionais procuram por uma língua original estruturante representada pela

maravilhosa árvore filogenética da lingüística histórica e da paleontologia clássicas. Nada contra as árvores, bem ao contrário. Mas a arborescência não corresponde ao que encontramos na natureza linguística do homem. Não há um estoque monogenético de onde outras línguas surgiram. Existem universais. Isso é diferente. A busca pelos universais humanos nunca foi tão necessária. Estamos todos interconectados de uma maneira ou de outra e mais vale aceitar a grande tarefa científica que temos pela frente depois dos avanços tecnológicos do radio-carbono, do genoma, do laser e da linguística computacional, dentre apenas algumas das tecnologias que dominamos até este momento e da mudança paradigmática nas ciências desde o início dos anos sessenta. Já podemos começar a pretender não sermos incógnitos... Tampouco simplesmente divinos... Afinal, já sabemos de onde viemos, mas quando surgimos? Quem somos? Por onde caminhamos e onde estamos?

No caso dos Celtas já não é mais possível sustentar o mito das invasões dos indo-europeus guerreiros-conquistadores contra todas as outras evidencias do contrário. Simplesmente a Arqueologia não testemunha estas invasões, que teriam inclusive sido pontuais dentro da uma necessária *longue durée* ao qual obrigatoriamente estariam sujeitas todas as teorias sobre as configurações primeiras de uma língua-cultura de tal proporção como a celta/céltica.[4] Como esperam os continuístas, as provas das "sucessivas invasões" devem ser apresentadas pelos indo-europeístas já que um dos últimos arqueólogos da teoria invasionista já se decidiu a algum tempo: *"the archaeologists easiest pursuit [is] the demonstration of relative continuity and absence of intrusion"* (Mallory: 1989; 81), citado por Alinei. (Alinei: 2006, 11). A Arqueologia pós-moderna ou pós-processual demonstrou claramente que é possível fazer novas leituras de cultura material, desde que se aceitem as mudanças paradigmáticas e para além do binômio *inovação/invasão* dentre outros. Como também para além de vários outros contextos que não apenas, por exemplo, o do determinismo das teorias do século dezenove que está longe de fazer algum eco nas novas abordagens. Ou pelo menos não da mesma forma que antes.

O processo evolutivo do homem está conectado ao seu meio-ambiente e à sua produção de linguagem. Biologicamente estamos falando de um determinismo, CLARO, mas que é constatado, quer queiram, quer não, cientificamente.[5] E ambas, a Biologia (organismos) e a singularidade (o Homem/a Linguagem), concorrem para um

novo paradigma: o da continuidade de seus registros nas cadeias de interações genéticas e discursivas (simbólicas). Assim, voltamos para o início, sem nenhuma pretensão de chegar à origem. Trata-se de um método de trabalho e de um horizonte histórico mais desafiador. Lembramos aqui um comentário de Ian Holder:

> *" [...] material meanings are more contextual and practical than language. The study of material culture thus raises, even more accurately than in the study of language, the relationship between structure and context."(Holder: 2006, p...) (grifo nosso)*

A Arqueologia evolucionista, como todas as outras disciplinas acolhedoras da Biologia, vai muito além do determinismo de Darwin. Ela pretende acolher as hipóteses de trabalho a partir de dados científicos que possam chegar o mais perto possível de uma interpretação de todos os dados em conjunto no planeta. Só assim poderemos entender o homem na sua totalidade evolutiva ou na sua quase-totalidade... Se o comparatismo nunca foi tão necessário, neste movimento, as ideologias raciais e as ideologias religiosas podem sem dúvida causar grande embaraço na divulgação das pesquisas.

Confrontar nossa historia genética através da pré-história cultural exige aceitar nosso lado mais obscuro. Visitar a materialidade de nossas cavernas, reunindo nossos ossos mais primitivos, como também nossos objetos primeiros, nos revela imagens e emoções nem sempre fáceis de encarar: o canibalismo, a consangüinidade (o incesto), a tortura ritual, a ingestão de alucinógenos como componente da estruturação religiosa e civilizatória - tantos são os tabus que a avançada pós-modernidade ainda reluta em discutir – ou pelo menos alguns que estão vivendo nela e através dela.

A verdade é que já não podemos simplesmente desconsiderar os dados da Arqueologia em favor de construtos teóricos e não só na Linguística como em todas as esferas dos estudos humanísticos. (OTTE: 2010, 4). Os arqueólogos sempre se queixaram das dificuldades em trabalhar com os Linguistas, que se fecham obtusamente no seu campo de saber. Os algoritmos da glotocronologia para a reconstrução das línguas antigas e suas famílias devem ser transformados por abordagens mais complexas. Já nos dizia John Langshaw Austin: *"a linguagem é social e não*

matemática". (Austin: 1975). Mas também se pensa matematicamente a cultura, ou seja, em *algoritmos culturais.* (Renfrew: 1979; Reynolds: 1994, 1999). Como se pode imaginar, todo este movimento científico não poderia ter outro resultado senão o de uma mudança paradigmática.

A linguística evolucionista trabalha obviamente de forma coordenada com a Antropologia. O que estamos falando é de um neodarwinismo. Não se trata de procurar ou determinar as etnias ou raças, os mais antigos ou os primeiros. Trata-se de conhecer a grande diversidade humana, que nos aponta para um interacionismo muito mais amplo do homem para com o próprio homem, (Língua/Linguagem), do homem com a sua evolução e meio-ambiente (Biologia) e com a materialidade na qual ele se desenha constantemente (Arqueologia). As ciências todas na verdade convergem há algum tempo para um neo-evolucionismo. Alguns linguistas seguem o fluxo, outros se fixam em teorias ultrapassadas que não terão como sobreviver por muito tempo. Assim é a ciência.

A teoria indo-européia clássica sofreu das ideologias nascidas no século dezenove e que ainda rondam os estudos em alguns casos, mesmo que travestidos de modernidade. As ideologias, na verdade, parecem ainda serem as mesmas e são capazes de levar ao isolamento novas abordagens que sejam muito universalistas ou que apontem para novos paradigmas. A aceitação da linguagem como fenômeno biológico implica num esforço para a construção de formas alternativas de compreender e de expressar nossa compreensão. A Lingüística é denominada *"a mais científica das ciências humanas". Bof*! Diriam os franceses... Mas com certeza é uma disciplina indispensável para a [inter][im]compreensão humana, *n'est-ce pas*? E, sobretudo, no que nos toca diretamente, ou seja, no *"fazer ciência"* (Magro: 1998).

Ocorre que a Linguística e a Arqueologia andaram nestes últimos vinte anos de mãos atadas nos Estudos Célticos e na Celtologia, num frenesi intenso de debates e novas descobertas. Parece normal que através destes estudos novas perspectivas científicas pudessem surgir para explicar a grande aventura européia e humana, no caso particular que nos interessa aqui, a re-organização da teoria indo-européia, através da qual passaram nossos avós – colaboracionistas ou não.

DAS TEORIAS TRADICIONAIS DAS LÍNGUAS INDO-EUROPÉIAS AOS CELTAS ATLÂNTICOS

Todos, antes de nós, passaram pela idéia de um povo conquistador que teria colonizado os pré-indo-europeus por sua superioridade, seja guerreira, seja tecnológica ou ambas. Para as teorias clássicas os Celtas, originários do centro da Europa, teriam percorrido um território imenso, num ir e vir impressionante, indo até os confins do oeste europeu para voltar seguindo até a Turquia (Gálatas). Nada que corresponda a uma realidade plausível. O fato é que não se pode negar o impressionante conjunto arqueológico, linguístico e literário comprovando a existência de uma língua-cultura muito antiga, tão antiga que TODOS temos dificuldade em delinear suas primeiras fronteiras geofísicas. Mas uma coisa é evidente. O Neolítico Atlântico pertence a um conjunto compacto que traduz um fenômeno cultural específico do oeste europeu: megalitismo, artefatos, arte, mitologias, línguas, enfim, tudo concorre para um reconhecimento – ainda que tardio – de uma cultura indígena do oeste atlântico europeu de grandes proporções. Os Celtas Atlânticos indígenas da Europa? Tudo indica que sim. Mas ainda teremos muitos debates, com certeza, apesar de todas as evidências.

Um dos mitos criados pelos estudos indo-europeus é a idéia de uma sociedade regida pelo culto a uma Deusa-mãe sem, no entanto, ser matriarcal. A marca de um pensamento feminista nas abordagens da pré-história também não deixou de fazer o seu eco, nestes últimos vinte anos. A arqueóloga lituana Marija Gimbutas (1921-1994), grande especialista do Neolítico, foi uma das mais importantes contribuições da teoria indo-européia, mas ao final de sua brilhante carreira foi tentada a considerar a existência de uma "era do feminino" ou de um período em que o culto a uma Deusa Mãe teria gerado uma sociedade neolítica pacífica, ou "mais" pacífica.... Nada mais idealista. A história humana é de uma violência aterradora e uma era pacífica ainda nos exigirá muitos caminhos difíceis.

As misérias humanas de hoje estão inscritas desde o paleolítico, como a fome, a intoxicação, a condenação de imensos grupos humanos ao extermínio puro e simples, as atrocidades com o corpo, a capacidade de nos embrenharmos nas malhas da Linguagem criando realidades múltiplas, etc, etc. Tudo o que estamos vivendo no mundo – e os que estão atentos sabem do que estou falando – tudo isto está longe de nos livrar de uma

difícil tarefa científica e filosófica urgente: a sobrevivência pacífica das sociedades no planeta. Assim foi também com o homem pré-histórico. Mas, desta vez, vamos esperar que a sobrevivência de uns não assinale o extermínio de outros ou o sacrifício de imensas populações humanas. Nunca precisamos tanto de ciência. E o que é a ciência afinal senão [pretender]mos ensinar a " *aprender a aprender'* às novas gerações? O trabalho construtivista é o grande desafio dos mais jovens. Por isso as redes de relacionamentos, os WikiLeaks com seus maravilhosos "*rackers*", como uma aventura arturiana – *Chevaliers Blancs...ou Noirs...*

Talvez este seja o principal e último manifesto que devemos assumir. O acesso à informação e o direito de comunicação. Em todos os campos da ciência e das sociedades. Nesta ordem dependem todos os outros que porventura tenhamos que anunciar. Neste sentido, e no que se refere aos Estudos Célticos, antes de tudo, o reconhecimento deste campo de estudos antigos não como um "tema" para romanos, gregos e troianos, como querem alguns colegas no Brasil. Acolher novas teorias também é fundamental nos estudos e pesquisas em Letras & Linguística. Assim, poderemos substituir "manifestos" por agendas e estudos em rede atualizados com o panorama internacional. Afinal, manifesto é coisa do século passado.

Uberlândia 26 de dezembro de 2010

REFERENCIAS

ALINEI Mario (1997), Magico-religious motivations in European dialects: a contribution to archaeolinguistics, *Dialectologia et Geolinguistica* 5, pp. 3-30.

ALINEI, Mario (1991) L'approccio semantico e storico-culturale: verso un nuovo orizzonte cronologico per la formazione dei dialetti, in Atti del Colloquio "I dialetti e la dialettologia negli anni Novanta" *Rivista Italiana di Dialettologia* 15, pp 43-65.

ALINEI, Mario (1996-2000) *Origini delle lingue d'Europa*, vol. I: La teoria della continuità; vol. II: Continuità dal Mesolitico all'età del Ferro nelle principali aree etnolinguistiche, 2 voll., Bologna, Il Mulino.

ALINEI, Mario (2006) Darwinism, Traditional Linguistics and the New Paleolithic Continuity Theory on Language Evolution, in N. Gontier - J.-P. van Bendgem - D. Aerts (eds.), Epistemology, Language & Culture. A Non-Adaptationist,

Systems Theoretical Approach. Proceedings of the Conference (Brussels, May 26-28, 2004), Berlin-Heidelberg-New York, Springer, pp. 121-147.

ANTHOONS G.; CLERINX H. (Eds) (2007), The Grand Celtic Story? Mémoires de la Société Belge d'Etudes Celtiques 28, Bruxelas.

AUSTIN, J.L. (1975) *How to Do Things with Words* New York: Harvard University Press.

COLLIS, J.R. (2003) The Celts: Origins, Myths & Inventions. London: Stroud, Tempus.

GUERRA, A. (2010) 'Ancillary Study: Newly Discovered Inscriptions from the South-west of the Iberian Peninsula' in: Cunliffe & Koch *Celtic From the West*, Oxford: Oxbow Books.

HODDER, I. (1989) 'Post-modernism, post-structuralism and post-processual archaeology' in: Hodder, I. *The meanings of Things: material culture and symbolic expression* Southampton: Happer Collins Academic.

JAMES, S. (2000) The Atlantic Celts. Ancient People or Modern Invention? London: British Museum Press.

KARL, R. & STIFTER. D. (Eds) (2007) The Celtic World - Theory in Celtic Studies - Volume I, London & New York: Routledge.

KARL, R. (2010) 'The Celts from Everywhere and Nowhere: A Re-evaluation of the origins of the Celts and the Emergence of Celtic Cultures' in: Cunliffe, B. & Koch, J. Celtic from the West - Alternative Perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature Oxford: Oxbow Books.

KENY, Vincent ‘Gregory Bateson's Notion of the Sacred - What Can Tell Us about Living Constructively? Vincent Keny's working draft published in AlfaZeta , January 1998. http://www.oikos.org/vinsacred.htm Último acesso em 27 dezembro 2010.

KOCH John T. *Tartessian - Celtic in the South-west at the Dawn of History* Aberystwyth: Celtic Studies Publications, 2009.

MAGRO, C. (1998) 'O que é uma teoria da linguagem' In: Magro & Perini & Guimarães (orgs.) *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência* Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 177-189.

MALLORY, J. P. (1989) *In search of the Indo-Europeans. Language, archaeology and myth* London: Thames & Hudson.

OTTE. M. 2010 *Três Estudos sobre a Pré-historia Européia* Lisboa: Apenas Livros [www.apenas-livros.com]

RENFREW, Colin; Kenneth L. Cooke 1979. *Transformations: Mathematical approaches to culture change.* New York: Academic Press.

REYNOLDS, Robert G. 1994 “Learning to Cooperate Using Cultural Algorithms”. In: Nigel Gilbert y J. Doran (comps.), *Simulating Societies*, Londres, University College of London Press, pp. 223-244.

REYNOLDS, Robert G. 1999 “An Overview of Cultural Algorithms”, In *Advances in Evolutionary Computation,* McGraw Hill Press.

[1] Universidade Estadual de Montes Claros – Montes Claros - Minas Gerais – Brasil.

[2] *Minas do sertão, Bretagne finisterienne – les routes atlantiques de la mémoire celtique IN:* OLLODAGOS - Actes de La Société Belge d'Etudes Celtiques Volume XXIII, 2009, p.281-298 ISBN 2-87285-122-4

[3] Alguns indeferimentos alegaram a ausência de dados linguísticos nos projetos de pesquisa e resumos de comunicação por mim apresentados, como por exemplo, para o congresso da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN de Curitiba 2010. O parecer diz: *"Apesar de interessante, o resumo não traz discussões linguísticas e nem como se dá a análise de dados linguísticos do ponto de vista da Teoria da Continuidade Paleolítica."* Ora, para trazer dados linguísticos em resumos de comunicação antes de apresentar uma teoria desta amplitude eu precisaria não de um resumo, nem de um projeto, mas de uma monografia. Assim, no Brasil, ainda trabalhamos com algumas discrepâncias metodológicas na área de Letras e Linguística que fazem qualquer Celta, por mais insistente que seja, desistir de participar de Associações científicas.

[4] Em termos linguísticos tomamos o termo Celta para o período da Antiguidade e Céltico para as épocas modernas.

[5] O site da linguista brasileira Cristina Magro é sem dúvida a melhor indicação para obter excelentes documentos sobre seus trabalhos, assim como para conhecer a obra de Humberto Maturana. Recomendo vivamente. http://www.letras.ufmg.br/cmagro/